

3. Aparato Metodológico

3.1. A Pesquisa Qualitativa

Ainda muito antes de conhecer a Pesquisa Educacional com base nas Artes, fui apresentado aos princípios da pesquisa qualitativa em minhas aulas de linguística da graduação em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Sem saber formalmente do que se tratava a pesquisa qualitativa, li teorias e metodologias que tinham o ponto de vista qualitativo como lugar teórico e fui, pouco a pouco, levado, arrisco a dizer, a ver a pesquisa qualitativa como a forma acadêmica de se pesquisar. Não é por acaso que desenvolvo este trabalho tendo por base princípios da pesquisa qualitativa.

Quando finalmente iniciei leituras a respeito de outras tradições na pesquisa acadêmica, foi um caminho natural entender que o que eu havia aprendido pertencia ao universo da pesquisa qualitativa. Então, falo aqui brevemente sobre o que conheci a respeito desse tipo de pesquisa de maneira a abrir caminhos para que possa, em seguida, tornar mais clara a forma como, acredito, a PEBA se insere nesse âmbito.

Há muitas formas de se definir a pesquisa de tradição qualitativa (Richards, 2003, p. 10). Porém, não se pode ignorar que, entre todas as caracterizações existentes, há pontos em comum que dão um bom panorama do que seria, de fato, esse modo de fazer ciência.

Surgida no campo das ciências sociais como crítica a um fazer científico generalizante e, muito por isso, aparentemente desengajado, essa nova postura visa a uma estreita aproximação do pesquisador em relação a seus dados, sempre buscando entendê-los de maneira profunda e local. Dessa forma, configurando o que Martins (2004) chama de “flexibilidade” nos métodos qualitativos, percebe-se frequentemente o emprego de múltiplos meios de geração de dados em uma tentativa constante de fazer com que os métodos empregados ao longo da pesquisa trabalhem em prol de uma melhor observação do que se pretende estudar.

Outra questão que representa uma virada e que parece vital para a abordagem qualitativa é o reconhecimento e aceitação da subjetividade – de todas as partes envolvidas na pesquisa – como item integrante no processo de geração de conhecimento científico. A respeito disso, Denzin & Lincoln (apud Richards, 2003) lembram que um dos objetivos da pesquisa qualitativa é lidar com os sentidos que as pessoas envolvidas em um fenômeno atribuem a ele.

Como disse anteriormente, foi nesse tipo de fazer científico, muito mais da observação comprometida que do experimento imparcial e generalizante, que pude localizar as metodologias de pesquisa a que fui apresentado durante minha graduação. Mais recentemente, quando por uma feliz convergência de fatores cheguei à PEBA, minha relação com a abordagem qualitativa passou a se configurar por um esforço em entender a maneira pela qual esta pesquisa com base nas artes – e, por conseguinte, este trabalho como um todo – insere-se no âmbito das pesquisas qualitativas. A meu ver, entender a PEBA como uma manifestação da pesquisa qualitativa é crucial para que se possa ver a PEBA como ciência.

3.2. A Pesquisa Educacional com base nas Artes

Foi um longo caminho desde meu primeiro contato com o artigo de João Telles até a decisão por ter a Pesquisa Educacional com base nas Artes (PEBA) como um dos vieses teórico-metodológicos deste trabalho. Seguindo indicações bibliográficas presentes em Telles (1998), fui apresentado a Elliot Eisner e Tom Barone.

Precursos da PEBA, Eisner & Barone (2006) veem na pesquisa com base nas artes um termo guarda-chuva que inclui toda uma gama de tradições e designs de pesquisa que valorizam fortemente a (apreciação) estética, tanto na forma final em que se apresenta a pesquisa quanto no processo de sua elaboração.

Nesse sentido, buscando caracterizar esteticamente a Pesquisa Educacional com base nas Artes, Barone e Eisner vão enumerar marcas

formais e linguísticas do texto da PEBA. No que diz respeito a seu formato, os escritos teriam uma preocupação menor em construir-se em etapas tradicionais como a revisão bibliográfica e descrição de metodologia(s). O texto da PEBA buscaria, na experimentação, formas de produzir uma melhor visualização de questões educacionais (2006, p 98). Quanto à linguagem propriamente dita, haveria valorização de um tom evocativo e imaginativo capaz de levar o leitor a envolver-se na leitura, dando ao texto um sentido pessoal. Para isso, seria comum o uso de metáforas e de recursos literários tais como a superdescrição. No mais, os autores falam de uma tendência ao uso de linguagem menos rebuscada, tratando-se de assuntos abstratos de maneira mais próxima da realidade. Assim, espera-se que as “[a]udiências da pesquisa educacional possam ser ampliadas para incluir espectadores como educadores fora do campo das pesquisas, responsáveis por políticas educacionais e até mesmo o público em geral” (Barone & Eisner 2006, p. 97, minha tradução)¹³.

Pude entender melhor a forma como esses pesquisadores concebem a PEBA quando li a respeito do que eles chamam de abordagens para a Pesquisa Educacional com base nas Artes. Na gama de possibilidades apresentadas por eles, estariam, por exemplo, as pesquisas narrativas. Do mesmo cerne do que Telles (1998) desenvolve sob o nome de auto-narrativa, as pesquisas narrativas ganharam força com o trabalho iniciado por Eisner na década de 1980. A partir daí, pesquisas educacionais em tom literário desenvolveram-se sob a forma de contos, poesias e romances. Houve até mesmo estudos no sentido de explorar e questionar as fronteiras entre a ficção e os estudos etnográficos¹⁴, por exemplo.

Com uma estrutura um pouco mais estabelecida, a Crítica Educacional surge como outra abordagem da PEBA. Aqui, o fenômeno educacional é visto como um objeto artístico e o pesquisador, por assim dizer, faz as vezes do crítico de arte e estuda as qualidades, significados e relevância de determinada prática. Para isso, haveria quatro etapas: a descrição do objeto ou fenômeno, a interpretação de sua relevância e/ou razão de ser, a avaliação

¹³ “Audiences for educational research may thus be broaden to include onlookers, such as nonresearcher educational practitioners, educational policymakers, and even members of general public” (Barone & Eisner 2006, p 97)

¹⁴ Cf. de Freitas, 2003; Dunlop, 1999; Saye, 2002.

de seus efeitos sobre os estudantes e, por fim, a busca por evidenciar que elementos macro possam residir naquela situação ou fenômeno específico. A finalidade dessa última etapa seria possibilitar que aquela pesquisa pudesse de alguma maneira ser útil em outras situações.

Observei que Barone e Eisner (2006) discutem ainda algumas manifestações não verbais da PEBA. Contudo, considerando que formas não verbais de pesquisa fogem ao escopo deste trabalho, deixemos um pouco Barone e Eisner e voltemos à companhia de João Telles.

Aparentemente mais preocupado em alocar a PEBA no quadro geral de pesquisas nas ciências sociais, Telles (2006) a entende como uma modalidade de investigação qualitativa no campo da Educação que tem como princípio “buscar formas alternativas de representação do conhecimento construído pela pesquisa” (2006, p. 513). Ainda assim, o autor admite a existência de diferentes vertentes na PEBA: a vertente representacional e a de produção de significados.

Como o nome sugere, na vertente representacional da PEBA tem-se a construção de um objeto de arte que venha a refletir, a expressar as representações do mundo educacional conforme entendido pelos participantes da pesquisa. Logo, essa vertente está relacionada à forma como se apresentam os resultados de uma pesquisa. Exemplo desse tipo de PEBA são as auto-narrativas de que fala Telles (1998) e os estudos narrativos descritos por Barone e Eisner (2006).

Por sua vez, a vertente da produção de significados relaciona-se mais especificamente ao estágio da geração de dados. Nela, os participantes da pesquisa são postos diante de um objeto artístico e o que se toma como dados são as construções de significados deflagradas a partir desse contato.

Trabalhando a noção da auto-pesquisa, fazendo da relação entre pesquisador-objeto matéria de análise por excelência e advogando em favor da subjetividade do pesquisador a ponto de registrá-la em todos os estágios do trabalho, a PEBA vem procurando afirmar-se no campo da investigação qualitativa. Assim, tradições de pesquisa na PEBA como, por exemplo, a auto-narrativa e a poesia etnográfica¹⁵ de Kusserow (2008) reivindicam um

¹⁵ Para maiores esclarecimentos a respeito do conceito, conferir Kusserow (2008).

lugar de reconhecimento ao lado de tradições qualitativas mais consolidadas como os estudos de caso e etnográficos.

3.2.1. Questões da PEBA

Apesar de todo o esforço dos pesquisadores na área da Pesquisa Educacional com base nas Artes para dar a esse tipo de estudo visibilidade e credibilidade, há ainda uma série de questões relacionadas a cobranças externas e à busca pelo rigor na PEBA. Pensando nisso, Eisner (2008) estabeleceu e discutiu sob a forma de dicotomias cinco questões que fazem parte do trabalho do pesquisador na PEBA. Eisner entende que essas tensões podem tanto gerar uma espécie de desconforto ou ainda dúvidas a respeito da qualidade do que se faz quanto podem representar um elemento positivo, capaz de impulsionar e dar vida ao trabalho realizado.

Interessantemente, eu vinha refletindo a respeito das tensões de que fala Eisner (2008) já há algum tempo, mesmo antes de encontrá-las elencadas em seu capítulo. E uma vez que, como disse acima, princípios da PEBA estão – forma e conteúdo – permeando todo este trabalho, acredito ser importante apresentar e comentar as cinco questões discutidas pelo autor.

A primeira tensão descrita por Eisner paira entre a criatividade e a clareza do trabalho realizado. O pesquisador lembra que quaisquer pesquisas na área da educação têm por objetivo contribuir de alguma forma para o desenvolvimento do campo. Assim, deve-se tomar cuidado para que o aspecto criativo do trabalho não o torne ininteligível para seus leitores/espectadores.

A segunda tensão a que o autor faz referência diz respeito à dificuldade em se tratar de uma situação educacional específica utilizando-se de meios tão particulares como os oferecidos pela PEBA e, ainda assim, ter como produto observações que possam ser estendidas para além do particular. Fornecendo mais um indício da afinidade da pesquisa com base nas artes com as pesquisa qualitativas em geral, o autor nos diz que

[t]alvez a função da pesquisa educacional não seja chegar a quase certezas generalizantes sobre o estado das coisas, mas sim assegurar tecnologias da mente que nos capacitem a investigar mais profundamente situações diferentes daquela que estudamos. (Eisner, 2008, p 21, minha tradução)¹⁶

A terceira tensão se dá entre o valor estético e a verossimilhança do assunto tratado. No trabalho da PEBA, haveria o risco de que a experimentação estética se desse de tal modo que o assunto tratado pela pesquisa ficasse em segundo plano e/ou quase invisível aos olhos do leitor/espectador.

Eisner trata ainda da tendência atual de se pesquisar em busca perguntas, de novas questões e não visando a respostas conclusivas. Na visão do autor, essa perspectiva entraria em conflito com as expectativas de alunos, pais de alunos e responsáveis pelo desenvolvimento de políticas educacionais. Para o pesquisador, essas pessoas estariam interessadas em soluções para suas questões e não em novas perguntas. Aqui, Eisner reitera mais uma vez a necessidade de se manter o foco na realização de estudos na PEBA.

Por fim, tem-se a questão da validação do trabalho como uma pesquisa do campo da Pesquisa Educacional com base nas Artes. Como que retomando todas as tensões apresentadas até então, o pesquisador alerta que no trabalho através do que ele chama de orientação construcionista para o conhecimento existe o risco de haver uma total falta de parâmetros para o estabelecimento do que seria uma pesquisa em PEBA, algo que se deveria evitar.

3.2.2. A PEBA e Eu

Em sua crítica a estudiosos que, sem sucesso, arriscam-se apresentando pesquisas sob a forma de objetos de arte, Behar (2008) pondera que pesquisadores devem permanecer ligados aos gêneros que dominam e

¹⁶ “Perhaps the function of educational research is not to draw near-certain conclusions about state of affairs that generalize, but rather to secure technologies of mind that will enable us to peer more deeply into situations that might not be the same as the one that we study” (Eisner 2008, p. 21).

que a Pesquisa Educacional com base nas Artes tem sim muito a oferecer quando feita lado a lado com as tradições de pesquisa mais convencionais. Na defesa de seu ponto, a pesquisadora lança uma questão: “há muitos poetas poéticos por aí; mas [...] quantos antropólogos poéticos você conhece?” (apud Cahnmann-Taylor, 2008, p. 12, minha tradução)¹⁷.

Se a postura híbrida proposta pela pesquisadora tem implicações para o campo das pesquisas qualitativas em geral, posso afirmar que ela contribui ainda mais para mim na realização deste trabalho. Sinto que uma boa forma de, por assim dizer, enfrentar as tensões do campo e até mesmo possíveis críticas a respeito do rigor do trabalho seja contar com o suporte teórico-metodológico de outras tradições de pesquisa.

Assim, foi filiando-me à vertente de produção de significados da Pesquisa Educacional com Base nas Artes, e também muito inspirado pelos trabalhos do professor João Antônio Telles, que tomei um filme sobre a realidade escolar¹⁸ como instrumento deflagrador de discussões e gravei uma conversa a respeito desse filme, da qual participam três professores de inglês como língua estrangeira iniciantes no ensino público: as duas colegas de profissão e eu mesmo.

Por fim, vale lembrar que, por maior que seja a influência da PEBA na realização deste trabalho, eu não poderia desenvolvê-lo sem contar com as teorias e construtos teóricos que discuti no capítulo anterior. Isso porque, ainda que esta pesquisa tenha grandes afinidades com questões do campo da Educação, os objetivos que tracei na introdução só poderiam ser alcançados através de um ferramental muito próprio dos Estudos de Linguagem.

3.3. Linguística Aplicada

Discussões a fim de dar conta da Linguística Aplicada (LA) não são menos controversas que as discussões a respeito da Pesquisa Educacional

¹⁷ “We have a lot of poetic poets out there, but tell me, how many poetic anthropologists do you know?” (Behar 2008 apud Cohnmann-Taylor, 2008, p. 12).

¹⁸ O filme escolhido foi o francês *Entre os Muros da Escola*, 2008. A obra é baseada no livro homônimo do professor François Bégaudeau e dirigida por Laurent Cantet.

com base nas Artes. Porém, considerando a incontestável maior tradição da Linguística Aplicada no campo dos estudos qualitativos, eu diria que o debate em torno do sentido e dos critérios da LA é, no mínimo, mais conhecido.

Desse modo, não negligenciando a importância de cada uma das visões que tradicionalmente coordenam o debate sobre a LA, contando com a ajuda de Alan Davies (1999), Moita Lopes (1996; 2006), Fabrício (2006) e outros pesquisadores, tento falar um pouco sobre a evolução da LA, a forma como meu trabalho se insere no rol das pesquisas em Linguística Aplicada e o modo como relaciono essa disciplina à Pesquisa Educacional com Base nas Artes.

3.3.1. A LA e Eu

Uma das primeiras questões que se discutem sobre a LA diz respeito a seu conceito. Em meu levantamento bibliográfico para esta seção, encontrei diversos artigos que se propunham, ao menos aparentemente, a responder o que seria, afinal de contas, a Linguística Aplicada¹⁹. Pelo que pude perceber, embora já haja algum consenso sobre o assunto, o debate em torno da LA está longe do fim.

Iniciando seu histórico a respeito do tema, Davies (1999) faz um interessante paralelo entre a LA e a Medicina. Para ele, a função tanto de uma quanto da outra é clara para todos; não há discussão a esse respeito. A Linguística Aplicada estaria ocupada em amenizar problemas relacionados à linguagem e a Medicina, por sua vez, buscaria soluções para problemas relacionados à saúde. O impasse, então, ficaria por conta da constituição desses dois campos. Se é difícil dizer ao certo quais áreas de conhecimento estão envolvidas no fazer da Medicina, essa incerteza torna-se ainda mais latente no campo da Linguística Aplicada. Nesse sentido, uma saída seria se definir a LA através dos trabalhos realizados por ela.

¹⁹ Dentre tais textos, destaco Celani (1992) e Moita Lopes (1996).

Outra questão, ainda, seria a posição da Linguística Aplicada em relação à Linguística. Não entrarei em uma discussão detalhada a esse respeito, mas há dois pontos de vista sobre isso que me interessam particularmente.

O primeiro vai entender a LA como parte da Linguística, como aplicação da Linguística, digamos, teórica. O segundo ponto de vista que destaco – extremo oposto do anterior – entende a Linguística como parte da Linguística Aplicada. No primeiro caso, a LA é a tão somente a aplicação da Linguística; no segundo, como explica Davies, a Linguística seria parte da Linguística Aplicada no sentido de que

[t]oda atividade baseada em conhecimento visa a alcançar um resultado prático, a solucionar um problema (social). Assim, toda a atividade é aplicada. Parte dela reflexivamente, buscando modelar construtos teóricos com base em observação empírica. (...) Mas todo o trabalho teórico contribui para o objetivo aplicado global. Por isso, a linguística é um componente da linguística aplicada que parte de estudos teóricos da linguagem para questões práticas na sala de aula e outros lugares. (1999, p. 4, minha tradução)²⁰

Finalmente, as figuras abaixo representam os dois pontos de vista.



Figura 2 – LA parte da Linguística

Figura 3 – Linguística parte da LA

O próprio autor vai dizer ainda que, caso entendamos a LA como parte da Linguística, somente pesquisadores linguistas poderiam atuar na área da Linguística Aplicada. Se, ao contrário, tomamos o segundo ponto de vista, pode-se entender que pesquisadores (e outros profissionais) de quaisquer

²⁰ “All knowledge-based activity is predicated on attaining a practical outcome, on solving a (social) problem. That being so, all such activity is applied. Some part of it is reflective, seeking to model theoretical constructs on the basis of empirical observation. (...) But all such theoretical work contributes towards the overarching applied goal. Hence linguistics is a component of applied linguistics, which extends from theoretical studies of language to practical concerns with language in the classroom and elsewhere.” (Davies, 1999, p.4)

áreas que estivessem envolvidos com problemas da linguagem poderiam ser considerados linguistas aplicados.

Neste quadro polêmico e controverso, Moita Lopes (1996), ainda timidamente, surge com outra perspectiva. Naquele momento, o pesquisador acreditava que a discussão a respeito do que seria LA não deveria ocorrer no sentido de se estabelecerem os limites e as diferenças entre a Linguística Aplicada e Linguística. Moita Lopes, então, entende que se devem concentrar esforços para que se definam e conheçam os paradigmas da Linguística Aplicada.

Assim, levando em conta trabalhos realizados por ele próprio e por outros pesquisadores brasileiros, Moita Lopes (1996) estabeleceu cinco pontos que perpassavam os trabalhos em LA realizados por ele e pelos que compartilhavam de suas ideias. Desse modo, a pesquisa em Linguística Aplicada se caracterizaria por ser

a) de natureza aplicada em Ciências Sociais; b) [focalizada na] linguagem do ponto de vista processual; c) de natureza interdisciplinar e mediadora d) que envolve formulação teórica; e) que utiliza métodos de investigação de base positivista e interpretativista. (Moita Lopes, 1996, p. 19)

Como se vê, ainda que represente um avanço em relação à pesquisa de tradição positivista, o pensamento de Moita Lopes (1996) traz ainda um ranço da busca por generalizações e outros pensamentos tipicamente positivistas. No entanto, aumentando o tom já politicamente engajado de Pennycook (1998), dez anos depois, Moita Lopes (2006) radicaliza e propõe uma Linguística Aplicada indisciplinar.

Nessa nova perspectiva, a LA contemporânea buscaria “renarrar a vida social” (2006, p. 90). O autor reconhece que há linguistas aplicados advindos de diversas áreas que não a Linguística. A Linguística Aplicada não seria mediadora entre áreas de conhecimento e questões da linguagem. Agora, a LA passa a ser vista como um espaço onde diferentes áreas de conhecimento passam a se integrar. O autor não está mais preocupado em estabelecer limites claros e/ou paradigmas. Ao contrário, o que se busca é um hibridismo real tanto entre diferentes áreas de conhecimento quanto entre teoria e prática. A preocupação político-social reflete-se na tentativa de se “escutar” novas vozes e na maior preocupação com questões éticas e de poder.

Apesar de, em tese, ter sempre sido simpático a ideias revolucionárias e até aparentemente utópicas quando em prol do bem-estar maior e/ou de um proceder mais politicamente informado, admito que me causou algum estranhamento a proposta de Moita Lopes (2006). Somente quando recorri à Fabrício (2006) e reexaminei o pensamento subjacente àquela nova proposta é que pude seguir com este trabalho. Como lembra a pesquisadora, todo o movimento recente em torno da LA vem fomentado pelo entendimento

de que, se a linguagem é uma prática social, ao estudarmos a linguagem estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela é parte constituinte e constitutiva[.] (Fabrício, 2006, p. 48)

Nessa perspectiva, não parece mesmo profícua a tentativa de se apontar a disciplina fundadora da LA nem de se estabelecer as áreas de onde partiriam os linguistas aplicados. Em outras palavras, tomando emprestado o termo tão bem utilizado por Moita Lopes (2006), o “hibridismo” entre a linguagem em uso e a prática social é tal que fica difícil estudar quaisquer dos dois sem contar com contribuições da outra área.

3.4

A LA e a PEBA

E por falar em hibridismo, lembro-me que fiquei de tratar a respeito da relação que se estabelece, neste trabalho, entre a LA e a PEBA. Acredito, e espero que concorde, que ambas se equivalham em sua relação com a Pesquisa Qualitativa. Em outras palavras, vejo as duas, grosso modo, como espaços de investigação facilmente associáveis à Pesquisa Qualitativa.

Ainda assim, entendendo que não há discrepâncias essenciais entre essas linhas, decidi trabalhar colaborativamente com as duas. Nesse sentido, com a autorização e incentivo de Behar (2008) e Moita Lopes (2006), busco realizar uma pesquisa híbrida. Através da LA, peça chave neste trabalho, chego à visão de linguagem e sociedade e outras contribuições teóricas

presentes aqui; da PEBA, tomo o *design* de pesquisa e o entendimento do fenômeno educacional.